



PRIMEIRA GERAÇÃO DO MODERNISMO

PRIMEIRA FASE DO MODERNISMO NO BRASIL

O Modernismo no Brasil tem início na Semana de Arte Moderna de 1922. Durante três dias em fevereiro daquele ano, o evento rompeu com padrões clássicos em diversas artes, como pintura, escultura, música e literatura, escandalizando a sociedade conservadora da época.

A primeira fase do Modernismo brasileiro, também chamada de Fase Heroica, dura de 1922 a 1930. Antes de 1922, durante a Primeira República, o Brasil viu a perda de poder econômico da elite cafeeira, o surgimento de uma burguesia industrial acompanhada de um proletariado que, influenciado por anarquistas, faz greves por direitos trabalhistas. Os anos 20 são anos de industrialização, modernização, urbanização e também de reivindicações. A década termina com a quebra da Bolsa de Nova York, que afeta os cafeicultores brasileiros, e a Revolução de 1930, que põe fim à República do Café com Leite.

Revistas e Manifestos

Após a Semana de Arte Moderna, foi publicada, por um ano, a Revista Klaxon, cujo primeiro número serviu como um manifesto modernista. Inovadora na parte da linguagem e na parte gráfica, a revista explorou o Expressionismo, o Futurismo e o Primitivismo, que visava tratar do folclore brasileiro.

O Primitivismo pode ser considerado uma corrente modernista. Teve início com o Manifesto Pau-Brasil, idealizado por Oswald de Andrade em 1924, com o apoio da artista plástica Tarsila do Amaral e do poeta Raul Bopp. O manifesto propunha a simplificação da linguagem, o fim do uso de estrangeirismos (era muito comum o uso de palavras em francês e inglês) e a poesia de exportação, subvertendo a ordem: agora era o Brasil que exportaria cultura para a Europa.

Surgiu então uma corrente contrária ao Manifesto Pau-Brasil, chamada de Corrente Nacionalista ou Verde-Amarelismo. Apoiada pelos escritores Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e o integralista Plínio Salgado, entre outros, esta corrente é ultranacionalista - o Pau-Brasil era nacionalista porém crítica -, com uma postura de exaltação do folclore e dos heróis nacionais.

Em 1928, Oswald de Andrade lança um novo manifesto, o Manifesto Antropofágico. A proposta era de antropofagia cultural: consumir, mastigar, deglutir a cultura europeia e, ao digeri-la, transformá-la em algo novo e, paradoxalmente, brasileiro. Para este novo manifesto, era preciso assumir uma postura agressiva para criar a verdadeira identidade nacional do Brasil.



PRINCIPAIS AUTORES DA FASE HEROICA

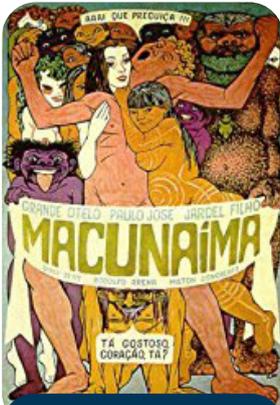
Mário de Andrade



Mário de Andrade

Grande intelectual por trás do Modernismo, Mário de Andrade foi escritor, poeta, folclorista, fotógrafo, historiador de arte e crítico. Escreveu poemas, contos, romances, crônicas e ensaios. Boa parte de sua obra foi escrita com o objetivo de definir e valorizar a cultura nacional. Através de extensa pesquisa, feita em muitas viagens, Mário catalogou imagens, costumes, causos e diferenças linguísticas de todo canto do Brasil.

Boa parte destes causos deu origem àquela que é considerada sua obra-prima, o livro *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter - porque tinha múltiplos caracteres - que é o retrato perfeito do brasileiro, este povo contraditório e rico em esperteza. Tal livro apresenta influências Futuristas, Dadaístas, Surrealistas e Expressionistas.



Cartaz do filme *Macunaíma*, 2018.



Fotografia de Mário de Andrade feita durante uma viagem ao Pará e ao Peru em 1927.

Mário de Andrade faz críticas à burguesia e à aristocracia, em especial em sua obra *Pauliceia Desvairada*, de 1922, como pode ser percebido no poema satírico abaixo:

Moça Linda Bem Tratada

Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta:
Um amor.

Grã-fino do despudor,
Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta:
Um coiό.

Mulher gordaça, filό,
De ouro por todos os poros
Burra como uma porta:
Paciência...

Plutocrata sem consciência,
Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba:
Uma bomba.



Seus poemas escritos logo após a Semana de Arte Moderna demonstram a ruptura com os modelos existentes, usam versos livres, neologismos e, curiosamente, apresentam como temas principais a cidade de São Paulo e o próprio fazer poético (poesia metalinguística).

Com o passar do tempo, sua poesia se torna menos engajada na proposta feita em 1922, mas o poeta ainda se mostra preocupado com as injustiças sociais e as peculiaridades brasileiras. Sua prosa é influenciada por teorias marxistas e freudianas, apresentando também preocupação com a injustiça. Sua linguagem é mais coloquial, sendo que vez ou outra o autor insere termos indígenas nos escritos.

Oswald de Andrade

Irmão mais velho de Mário de Andrade, polêmico e radical, Oswald escreve poesia, romance e ensaios. Em sua obra é possível encontrar questionamentos sobre o fazer artístico, experiências linguísticas (algumas ligadas às vanguardas europeias, como o Futurismo) e o rompimento da fronteira entre prosa e poesia. Sua prosa é composta em sua maioria de textos curtos, escritos quase de maneira cubista, com muito senso de humor.

Na poesia, questiona a identidade nacional através de releituras de textos históricos e paródias. Observe como ele parodia um trecho de um poema romântico indianista:

Brasil

O Zé Pereira chegou de caravela
E perguntou pro guarani da mata virgem
— Sois cristão?
— Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê Tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fomalha
Tomou a palavra e respondeu
— Sim pela graça de Deus
Canhém Babá Canhém Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval

Manuel Bandeira



Manuel Bandeira

Poeta lírico, de linguagem simples e preferência por temas intimistas, familiares, cotidianos e autobiográficos, Bandeira tem uma obra vasta, tendo escrito a vida toda, indo de poemas iniciais ao estilo parnasiano e terminando a carreira com poemas concretos.

No poema a seguir ele parte de uma canção infantil popular para tratar do amor sem idealizações:



O Anel de Vidro

Aquele pequenino anel que tu me deste,
— Ai de mim — era vidro e logo se quebrou
Assim também o eterno amor que prometeste,
— Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.

Frágil penhor que foi do amor que me tiveste,
Símbolo da afeição que o tempo aniquilou, —
Aquele pequenino anel que tu me deste,
— Ai de mim — era vidro e logo se quebrou

Não me turbou, porém, o despeito que investe
Gritando maldições contra aquilo que amou.
De ti conservo no peito a saudade celeste
Como também guardei o pó que me ficou
Daquele pequenino anel que tu me deste.

Na prosa modernista, nesta primeira fase, destaca-se Alcântara Machado. Este escritor experimenta com a linguagem e assim renova o gênero conto. Ele registra o cotidiano sobretudo da cidade de São Paulo, com habitantes locais e imigrantes recém-chegados, mostrando os costumes e pensamentos da gente paulistana. Sua linguagem é informal, com muito bom humor.

ANOTAÇÕES
